

**A**  
**MÁQUINA**  
NÃO GOSTA DE  
**GATOS**

MÁRIO SANTOS

FICÇÃO • ROMANCE



Ao Mário Fernandes.  
À Isabel Inácio.  
À Chelsea.  
Ao Lapis Lazuli.

Este romance é uma obra de ficção e pode conter pequenos erros factuais. Todas as referências a pessoas reais, vivas ou mortas, lugares existentes e acontecimentos apenas são utilizadas para conferir o apropriado enquadramento, cultural e histórico, à ficção. Todos os outros nomes, personagens, lugares e incidentes retratados são produto da imaginação do autor. Quaisquer semelhanças com pessoas existentes, vivas ou mortas, é pura coincidência.

Para o caçador  
que queria construir  
elefantes.

Ricardo.  
Nascido a 18 de  
Outubro de 1975.



A vida é tão  
diferente quando  
tens um rato a sério!

Nunca deves mexer  
nas pedras.



**P**assei a viver numa cidade de silício, esterilizada, niilista, rectilínea e moderna. Num mundo de sonhos estilhaçados de *bits* e *bytes*, habitado por operários que pavoneiam os seus fatos caros por corredores de vaidades. Uma cidade *wireless* cheia de mesas com portáteis, de robôs que falam sozinhos com auriculares *bluetooth* nos ouvidos. Passei a fazer parte de uma linha de montagem de pesadelos electrónicos e píxeis coloridos. Passei a fazer parte de um mundo do faz-de-conta, onde a palavra de ordem é **PRODUZIR, PRODUZIR, PRODUZIR.**

No dia 7 de Outubro de 2011, coloquei no mural do meu Facebook uma frase do Steve Jobs. Nesse mesmo dia, nunca imaginei que faltaria pouco tempo para compreender verdadeiramente essa frase. Faltaria pouco tempo para que eu a sentisse. Para ter consciência do fosso enorme que separa a teoria da prática, bem como das armadilhas dissimuladas que a nossa percepção é capaz de nos fazer. Faltaria pouco tempo para chegar à conclusão de que nunca havemos de saber nada somente através do intelecto. A não ser que consigamos sentir a realidade a atravessar-nos a pele, a cravar-se-nos nos nervos, a devorar-nos os ossos até ao tutano. A frase era: «Não desperdices o teu tempo a viver a vida de outras pessoas. O teu tempo é limitado, por isso, não o desperdices a viver a vida de outra pessoa. Não te deixes armadilhar pelos dogmas, que é a mesma coisa que viver pelos resultados do que outras pessoas pensaram. Não deixes que o ruído das opiniões dos outros saia da tua própria voz interior. E, mais importante ainda, tem a coragem de seguir o teu coração e a tua intuição.

Estes já sabem, de alguma forma, aquilo em que tu te vais tornar. Tudo o resto é secundário.»

\* \* \*

No meu **primeiro dia de trabalho** na InforServ IT Consulting S.A, ainda não fazia uma hora que lá estava, fiz logo asneira da grossa. Foi uma entrada a pés juntos como se diz no futebol. E foi precisamente por causa desse vírus social que fiz asneira. Às 10h17 do dia 1 de Junho de 2009, um *e-mail* enviado acidentalmente para a lista de distribuição geral percorreu toda a rede de alta velocidade da empresa, desde as raparigas da recepção até Deus: o grande CEO do 9.º andar. Nesse *e-mail* estava escrito, em letras gordas e a *bold*, aquela que é, muito provavelmente, a frase adolescente mais típica do mundo: «QUERO QUE VOCÊS VÃO TODOS PARA O CARALHO.»

Nessa manhã, às 9 horas em ponto, apresentei-me na recepção. Informei a recepcionista que era o meu primeiro dia de trabalho. (No primeiro dia de trabalho parecemos sempre uma criança perdida, exactamente como no primeiro dia de aulas.) A rapariga, linda e sorridente, convidou-me a sentar num sofá. Disse que o meu tutor iria ter comigo em breve. Fiquei entretido a observar o estilo da mobília, a beleza Fashion TV da recepcionista, as paredes de mármore preta, os painéis LCD que passavam os índices das bolsas em rodapé. Ajeitei-me no sofá para o poder sentir melhor.

(«Bolas!», pensei eu. Ao fazer movimentos naquele sofá macio de napa para me sentir mais confortável, senti também as minhas «secretas» a darem sinal nas costas. Isso já não acontecia havia bastante tempo. Já não devia senti-las. Elas eram o meu segredo. O meu segredo mais bem guardado. Além do mais, tinha prometido a mim próprio que essas «secretas» já não existiam. Prometi referir-me a elas, ainda que em pensamento, pelo seu verdadeiro nome: cicatrizes. Essas cicatrizes deveriam continuar em segredo até aos meus últimos dias. No entanto, elas próprias já tinham os seus dias contados. Haviam de desaparecer para sempre e é como se nunca tivessem existido.)

Apreciei as luzes metalizadas de baixo consumo embutidas no tecto. Passei os olhos, na diagonal, por umas quantas revistas de temas *high tech*. Farto das revistas, dei umas «voltas» no meu telemóvel. Um dos meus agregadores de notícias enviou um alerta sobre um novo artigo publicado num blogue sobre temas *high tech* que eu costumava seguir. O título era uma palavra japonesa: «karōshi». Falava sobre a morte súbita, causada por hemorragia cerebral, de pessoas que não apresentam nenhum factor de risco cardiovascular. A única causa, segundo os estudos, é o excesso de trabalho. Falava de pessoas que estão literalmente sempre a trabalhar. Trabalham mais de setenta horas por semana. Histórias de jovens que entram para fábricas de electrónica, onde trabalham entre os 18 e os 21 anos, porque depois dessa idade estoiram. Depois do trabalho, comem e enfiam-se numa espécie de gavetão-cama que é fechado até ao dia seguinte. Três anos, a produzirem até ao limite, a dormirem em cidades gigantescas de gavetões. O artigo acabava com uma pergunta e uma resposta. A pergunta era: «Isto acontece no Japão. Será possível na Europa?» A resposta, dada por um sociólogo, era: «Ainda não chegámos lá, mas podemos chegar.» Depois de ter lido o artigo, comecei a visualizar as imagens desses jovens em versão *anime*. Uma série de rapazes e raparigas com rostos simétricos e olhos grandes, uns redondos e outros rasgados, cheios de luz e brilho. Todos perfilados, a entrarem, um a um, para o seu respectivo gavetão. Tive consciência de que visualizar essas imagens com pessoas de carne e osso seria, para mim, impossível.

(«Bolas! Só me faltava mais esta!», pensei eu, enquanto começava a afundar-me no sofá. A alucinação, ou como eu lhe costumava chamar, o *screensaver* que andava a perseguir-me, apareceu nesse preciso instante. Eram imagens recorrentes que surgiam sem aviso: aviões de papel a navegarem no espaço, a navegarem no meu espaço. Dessa vez, a alucinação tinha uma característica nova: o plano de fundo era o cenário real onde me encontrava. Normalmente, existia sempre uma superfície escura ou colorida como se fosse um estúdio de cinema. Mas dessa vez não. Eram aviões de papel. Eram *Concordes* a voar em

linha recta para a frente e para trás. O *screensaver* desapareceu instantaneamente assim que surgiu o meu tutor.)

Apresentou-se como Fernando Pessoa. Desejei que os aviões tivessem desaparecido a tempo e que ele não se apercebesse de nada. Desejei não ter mostrado ar de gozo por causa do seu nome ou, principalmente, por causa da sua fisionomia demasiado semelhante aos retratos do poeta. De resto, ele era um tipo *Xerox* de fato e gravata. Igual aos outros, igual a mim, igual a todos. Encaminhou-me para os elevadores e subimos até ao 2.º piso. Deu-me um cartão de acesso. Encostei-o ao sensor e não aconteceu nada. Ele tirou-me o cartão das mãos e experimentou. Vi um balão de pensamento, como nas bandas desenhadas, a pairar sobre a sua cabeça, onde estava escrito: «aselha». Pensei: «Espero que o gajo também não consiga, caso contrário, começo logo a fazer figura de idiota.» De qualquer modo, dentro de alguns minutos, iria fazer essa figura e de que maneira! O cartão não funcionou. Ele disse: «Não faz mal. Entramos com o meu.»

Telefonou a alguém. Deu o ID do meu cartão e pediu que resolvessem rapidamente o problema. Entrámos para um *open space* com diversas mesas. Estavam quase todas desocupadas. O Fernando Pessoa explicou:

— Estás a ver tudo muito vazio, não é verdade? Os consultores, neste momento, estão onde realmente devem estar. Estão fora do escritório. Estão nos clientes. Estão a facturar horas para a empresa.

Ficámos os dois perante um conjunto de mesas vazias e ele disse-me que eu podia escolher uma. Assim fiz. Escolhi uma ao acaso e sentei-me. O Fernando Pessoa já estava a fazer outro telefonema. Depois de desligar o telefone, comunicou-me com ar satisfeito:

— O teu computador já vem a caminho.

Continuou com o discurso. Disse que o facto de os consultores estarem nos clientes era muito bom sinal. Quanto mais vazias estivessem aquelas cadeiras, mais feliz Deus ficava. Não tinham ainda passado cinco minutos e ele voltou a ligar ao tipo que deveria entregar-me o computador. O Fernando Pessoa mantinha uma postura militar,

firme e hirto, cem por cento concentrado na entrega do computador, como se isso fosse uma missão importantíssima.

— Ó Rodrigo! *ASAP* nessa merda.

Ouvi o outro a refilar ao telefone. Quinze minutos depois, apareceu o Rodrigo com o meu portátil HP. Assim que o vi, notei-lhe algo de estranho. Qualquer coisa que andava a viajar-lhe nos olhos. O Rodrigo ligou o computador. Deu-me um envelope fechado com o meu nome de utilizador e a minha *password* de entrada. O Fernando Pessoa tinha de ir para uma reunião. Disse-me para abrir o *e-mail*, ler o meu *welcome toolkit*, ver se estava tudo *ok* e aproveitar para relaxar um pouco. Frisou bem a importância de eu relaxar um pouco, pois não iria ter muitas mais oportunidades de o fazer daí para a frente. Entretanto, o Rodrigo foi-se embora.

Aproveitei, tal como o Fernando Pessoa tinha sugerido, para descontraír um pouco. Reparei no mobiliário: as mesas cinzentas e as cadeiras metalizadas em tons pretos e azuis. Tudo era uniforme e racionalista. Toda a mobília do edifício tinha assinatura Siza Vieira: as mesas de trabalho, as cadeiras, os armários, os cestos de papéis, os bengaleiros dos casacos. Achei aquele escritório simpático. Era uma pena estar sempre às moscas. Aquela mobília assinada tinha uma razão de ser. Era fruto da época dourada das grandes implementações do sistema SAP, quando entrava dinheiro em abundância, reflexo do sucesso e da grandiosidade de um tempo em que se vendiam projectos no valor de milhões de euros.

Entrei, pela primeira vez, no meu *e-mail* InforServ. Tinha o envelope amarelo a piscar na barra de tarefas do Windows. Recebi o *welcome toolkit*, que consistia no seguinte:

1 – Um *e-mail* enviado para toda a empresa, desde as recepcionistas até ao Deus do 9.º andar. O objetivo era ser apresentado perante todos os colaboradores. Esse *e-mail* continha: uma fotografia da minha cara de parvo, tirada com uma minicâmara de dez megapixéis contra uma parede deslavada; o meu nome; o meu cargo (consultor técnico nível 2); a minha idade (o que me deixou fodido); o número

do meu telemóvel InforServ; o meu endereço de *e-mail* InforServ; uma breve sinopse do meu *curriculum*.

2 – Um outro *e-mail* (este já só foi enviado para mim), com um texto escrito por Deus para todos os novos colaboradores. Um *copy and paste* a falar das tretas do costume: o historial da empresa; o futuro; a missão; os valores; a cultura. Trazia um ficheiro PDF em anexo que se intitulava: **Manual Interno – Regras e condutas da InforServ**. No corpo do *e-mail*, uma nota a negrito acerca da importância de ler esse manual. Abri o documento. Tinha um índice com quatro pontos e um total de dez páginas, incluindo algumas imagens e gráficos. Li apenas os pontos do índice:

1. O que é ser um consultor InforServ?
2. Regras e condutas dentro das instalações da InforServ.
3. Regras e condutas nas instalações de um cliente.
4. Categorias profissionais. Normas e condições de progressão na carreira.

Ia começar a ler o documento. Começar pelo primeiro ponto e acabar no quarto. Era o que parecia ter mais interesse (condições de progressão na carreira). Desde miúdo que guardo sempre os meus alimentos preferidos para o final da refeição. Ia precisamente começar a ler o documento quando, de repente, caíram uma série de mensagens na minha *inbox*. Abri as mensagens, uma a uma. O tema era recorrente. Foram todas enviadas pelo Carlos. Foi ele quem me encaixou na InforServ. O Carlos, meu amigo profissional há mais de dez anos, bombardeou-me com uma torrente de parvoíces a gozar com o meu clube, precisamente no meu primeiro dia de trabalho. O Sporting e o Benfica tinham jogado no fim-de-semana anterior. O Sporting sofreu uma derrota humilhante, ainda por cima a jogar em Alvalade. O Filipe e o Rui, igualmente ex-amigos profissionais, aproveitaram a corrente e também abusaram. Fizeram *forward* de outros *e-mails*, vindos de gajos que eu não conhecia de lado nenhum, todos com piadas, com *Powerpoints*, com fotografias manipuladas em *Pho-*

*toshop*, com animações em *Flash*, tudo a gozar com o Sporting. Foi então que resolvi responder. Escrevi uma resposta curta e grossa que dizia simplesmente, a gritar e em letras garrafais: «QUERO QUE VOCÊS VÃO TODOS PARA O CARALHO.» O problema foi que ainda não me tinham dado um rato decente. Eu mexia naquele tapezinho para orientar o cursor. Detestava essa merda. Não tinha paciência nem paciência na ponta dos dedos para trabalhar com esses pseudo-ratinhos. Queria enviar a minha resposta para esses contactos benfiquistas, mas a mão escorregou. Se não me tivesse acontecido, nunca acreditaria que isso fosse possível. Seleccionei, sem querer, a lista de distribuição geral. O meu dedo indicador deslizou por esse tapete, minúsculo e ridículo, até parar sobre um dos botõezinhos. Fiquei a olhar para a mensagem: «**E-mail enviado com sucesso para a lista de distribuição geral**».

Recapitulando: acabadinho de chegar. Primeiro dia de trabalho. Toda a empresa recebeu o *e-mail* de apresentação com a minha froinha estampada. Recebi o meu *welcome toolkit* a dar-me as boas-vindas. Logo a seguir mandei todos para o caralho, desde as raparigas lindíssimas da recepção, a todos os meus futuros colegas e chefes, até ao Deus do 9.º andar. O meu cérebro começou a funcionar a mil à hora. Como faço um *recall* desta merda? Eis a questão. O envio de um *e-mail* é um filho da puta de um processo atómico, ou seja, não há a porra de uma barrinha a crescer no ecrã e um botão de cancelar. Carregas e já está. O filho da puta estava nesse momento no servidor, a ser processado, a ser mastigado, a ser enviado para cada uma das contas de *e-mail* InforServ. Fazer o *recall* era dar uma instrução ao servidor para cancelar o envio. Mesmo que ele já tivesse dado entrada em algumas caixas de correio, ia marcado como «anulado». Podia ter a sorte de não ser lido por ninguém. Andei à procura das instruções no Google. O nervosismo que estava a sentir nesse momento também não ajudava muito. Corri para um colega que estava umas cinco mesas afastado de mim. Apresentei-me à pressa e fui logo directo ao assunto:

— Fazes ideia de como se faz um *recall* no Outlook?

Ele tirou os olhos do computador com dificuldade. Interrompi-lhe a concentração. Estava visivelmente furo comigo.

— Um quê?

— Esquece. Deixa estar. Vá... continuação de bom trabalho.

(Os «carteiros» da InforServ começaram a trabalhar. Duas máquinas que residem na subcave, numa sala climatizada, hermeticamente fechada. A viagem infernal já tinha começado. Duração: 1,03 segundos. O homem contra a máquina. Era uma luta impossível e inglória. A mensagem já estava a ser transformada numa sequência binária de zeros e uns. Já estava na posse do grande Deus da subcave: o servidor de *SMTP*, o *Simple Mail Transfer Protocol*. O grande Deus da subcave estava a remoer a mensagem e a enviá-la para o outro Deus, o seu colega da sala ao lado: o servidor de *POP3*, o *Post Office Protocol* de 3.<sup>a</sup> geração. Os deuses estavam a analisar a mensagem, a separarem-na, a fazem duplicados dela e a distribuírem-na para as caixas de correio dos colaboradores da InforServ. A sequência binária de zeros e uns estava pronta para ser decodificada em letras e números. A sequência binária de zeros e uns estava a ser traduzida para um formato legível para o ser humano. Alfabeto: latino. Língua: português.)

Reparei que entretanto tinha chegado outro tipo. Sentou-se duas mesas ao lado. Fiz-lhe a mesma pergunta. Ele olhou-me.

— Então? Fizeste merda?

No entanto, dignou-se levantar o cu da cadeira e deslocar-se até junto do meu computador. Fiz realmente merda. Veio-me à memória, naquele instante em que os dois caminhávamos em silêncio para o meu computador, a imagem do meu pai a dizer: «Só fazes asneiras! Não consegues fazer nada de jeito, rapaz?» Junto do meu computador, primeiro, o tipo tentou perceber o que era um *recall*. Depois, tentou adivinhar como se fazia. Não conseguiu. Ficámos os dois, com caras de parvos, a olhar para os menus do Outlook 2007.

— Então? Qual foi a merda que fizeste, afinal de contas?

— Deixa lá. Já vais saber. Obrigado pela ajuda. Eu agora resolvo isto.

Dei-lhe duas palmadinhas nas costas como quem dá umas palmadas num cavalo para ele se pôr a andar. O tipo voltou para o seu posto de trabalho. Eu regresssei, vencido e resignado, para o meu computador. Comecei a escrever um *e-mail*:

From: Ricardo S.  
To: Lista de distribuição geral  
Subject: *e-mail* enviado por engano.  
Priority: High

Caríssimos,  
O *e-mail* anteriormente enviado por mim, como devem compreender, foi um lapso. Lamento o sucedido e peço que o ignorem.  
Com os melhores cumprimentos.

Ricardo S.  
Tec. Consultant (NA-DSP Department)

(Pensei: «Ó estúpido! Os deuses da subcave não permitem que anules o envio de *emails*. Como é que não percebeste isso?»)

Nesse preciso momento chegou um tipo com o meu cartão de acesso. Não consegui disfarçar a minha felicidade. «Que porreiro. Era mesmo disso que estava a precisar», disse-lhe eu. Tinha de sair rapidamente dali. Precisava de apanhar um pouco de ar. Precisava de oxigénio e de fumar um cigarro. Nicotina, nicotina, nicotina. Saí disparado com o cartão. Ainda pensei: «Só me faltava esta merda não funcionar.» Encostei-o ao sensor e a porta abriu-se. Cruzei-me com uma tipa cheia de estilo, lookíssima, hipersuperboa, ela disse-me «bom dia» e eu retribuí.

Quería fumar um cigarro. Podia ter ido à zona de fumadores do bar, mas não fui. Precisava de nicotina e de ar fresco. Fui até à rua fumar. Quería que passassem pelo menos uns vinte minutos, para

depois, devagarinho, pé ante pé, ver se havia algum dano. Ainda fui beber um café. Ia finalmente subir para o *open space*, mas voltei atrás. Fumei mais um cigarro.

\* \* \*

Eu, o Carlos, a Rita e a Mónica éramos colegas de longa data. Conheci o Carlos quando ambos trabalhávamos como programadores, dez anos atrás, numa pequena empresa de vão de escada que fazia *software* em Clipper para MS-DOS. A Rita entrou como consultora estagiária. Era uma miúda de poucas falas, muito tímida. Acho que a primeira vez que a vi foi um dia em que ela pôs os pés na sala da equipa de programação para pedir alguma coisa. Não tínhamos dado por ela entrar. O ambiente naquela sala era o normal: uma sala cheia de rapazes e testosterona. Quando a Rita entrou, estávamos simplesmente a falar uns com os outros. Penso que no decorrer das nossas conversas existia uma média de quatro palavrões por frase. Chegámos mesmo a fazer esse cálculo numa folha de Excel. A miúda levou o que queria, mas, mais tarde, quando já tinha mais confiança connosco, confessou que nunca tinha ouvido tantas asneiras em toda a sua vida. Tantas asneiras num tão curto espaço de tempo. Ainda disse que nunca tinha ouvido alguns dos palavrões que dissemos, que nem sequer conhecia a sua existência. Na altura, achei essa atitude um pouco exagerada e lembro-me que comentei algo do género: «Isso também já é um exagero, foda-se!» Fizemos os possíveis por ir baixando a nossa média de palavrões à medida que iam entrando raparigas para a empresa, embora sem grande sucesso. A Rita nunca simpatizou muito comigo. Só passado algum tempo, quando nos conhecemos melhor, é que ficámos amigos. Amigos profissionais.

A Mónica, nessa época, trabalhava num dos nossos clientes. Era um autêntico avião. Fizemos chegar o *curriculum* dela às mãos do nosso director. Uma semana depois, ela estava a trabalhar connosco.

Agora, dez anos depois, estávamos todos, por coincidência ou não, a trabalhar na mesma empresa, embora em departamentos dis-

tintos. Estávamos, os quatro, a trabalhar na InforServ, uma empresa de topo, internacional, com projectos espalhados pelos quatro cantos do mundo, formada por capital português, espanhol, francês e norte-americano.

Éramos amigos profissionais, ou seja, não convivíamos regularmente a nível social. Continuávamos a ser colegas de trabalho, mas também já tínhamos passado aquela linha que nos separa da fronteira «colegas de trabalho». A nossa relação resvalava claramente para lá disso, resvalava para uma espécie de amizade entre aspas. De qualquer maneira, combinámos manter essa união. Foi uma espécie de pacto de sangue mas sem sangue. Iniciámos, entre nós os quatro, uma troca de *e-mails* a que demos o nome de código: **os tesourinhos**. Os tesourinhos consistiam numa série de *e-mails* que nos comprometemos a reenviar uns aos outros. Daqueles *e-mails* clássicos que se foram perdendo com o tempo. Havia sempre alguém que guardava, alguém que não guardava, alguém que guardava mas que perdia. Resolvemos trocá-los entre nós. Resolvemos fazer uma colecção de *e-mails* antigos. Essa colecção servia, acima de tudo, para irmos mantendo um registo genealógico do nosso percurso, da nossa relação de uma década enquanto amigos profissionais.

\* \* \*

Encontrei o Fernando Pessoa no elevador. Ele disse-me brusca-mente:

— Então, pá? O que andas a fazer?

Fiquei a pensar se o tipo já teria lido o *e-mail*. Ele andava sempre atarefado de um lado para o outro, de piso em piso, de sala em sala, sempre a fazer e a receber telefonemas. O telemóvel fazia parte integrante dele, era como se fosse uma extensão do seu corpo.

— Queria ver se arranjava um rato a sério. Não consigo trabalhar com aqueles tapetes minúsculos. Só me causam chatices.

O Fernando Pessoa ficou claramente danado por eu lhe estar a expor algo tão insignificante. O homem a receber telefonemas, uns atrás dos outros, e eu, à espera, à espera de um rato.

— Vai até ao 5.º piso. Procura o Rodrigo.

No 5.º andar, perguntei pelo Rodrigo, mas ele não estava. Esperei quarenta minutos. «Foda-se para isto», queria fumar. Vim até à rua fumar dois cigarros. Regressei. No elevador dei de caras com o Rodrigo. Expus-lhe o meu problema insignificante. Ele não ficou chateado com isso. Comecei a simpatizar com o gajo. Ainda me atirou uma boca. Já tinha lido o *e-mail*. Passou o seu cartão por um sensor e entrámos numa sala. Fomos falar com uma fulana que estava concentradíssima a digitar qualquer coisa no sistema de inventário. Preenchi uma ficha com a designação do artigo que ia levantar, o meu nome, ID de colaborador, data e rubrica. Depois de lhe entregar a folha, a fulana mandou-me esperar. Quando finalmente se levantou, desapareceu durante uns vinte minutos. Regressou com uma catrefada de papéis nas mãos e entregou-me um rato. Um rato óptico Microsoft, *wireless*, com roda. Fiquei-lhe imensamente agradecido e voltei para o meu computador. **A vida é tão diferente quando tens um rato a sério!**

\* \* \*

O primeiro tesourinho chegou através da Rita. Abri o *e-mail*. Estava ansioso para ver o que era. Fiquei estupefacto. Remontava dez anos atrás, precisamente quando a Rita entrou como estagiária para aquela empresa de vão de escada, ainda na época em que não simpatizava comigo. Tratava-se de um inquérito que ela respondeu em relação a mim. Perguntou-me se eu não tinha o dela. Respondi-lhe que ia procurar. Disse-lhe isso apenas para não a desiludir. Eu sabia muito bem que não o tinha. Não guardei nenhum *e-mail* dessa época, para grande desgosto meu.

From: Rita

To: Grupo Tesourinhos.

Subject: Fw: Questionário (Rita responde acerca de Ricardo)

Tomei a liberdade de preencher este questionário em relação a ti (a ver se te levanta o moral um bocadinho). Não faço nenhuma questão que respondas em relação a mim. Adeusinho.

PS: quinta-feira não se trabalha...

Rita responde acerca de Ricardo S.

1. O meu nome?

Ricardo.

2. Onde nos conhecemos?

No trabalho.

3. Tenta adivinhar um dos meus apelidos:

S.

4. Há quanto tempo nos conhecemos?

Mais ou menos 1 ano.

5. Conheces-me assim tão bem?

Não.

6. Eu fumo?

Sim.

7. Eu acredito em Deus?

Não sei... Talvez.

8. Quando me viste pela primeira vez, qual foi a tua primeira impressão?

«O QUE É QUE É ISTO?» (A primeira vez que te vi foi na varanda e pensei que fosses electricista... Juro).

9. A minha idade:

30 (acho).

10. Data de aniversário:

Algues por Outubro (acho).

11. Cor do cabelo:

Castanho.

12. Cor dos olhos:

Azuis.

13. Estatura: Alta/normal/baixa/gorda/magra/todo bom (lol)?

Normal... Para o baixo.

14. Tenho irmãos?  
Não sei.
15. Alguma vez tiveste inveja de mim?  
Não! Bolas!
16. Qual é a coisa que eu mais gosto de fazer?  
Chatear os outros.
17. Lembras-te de uma das primeiras coisas que eu te disse?  
Não faço ideia.
18. Qual o meu tipo de música favorita?  
Não sei... Alternativa, talvez.
19. Qual a minha melhor qualidade?  
Juro que não estou a ver.
20. Sou envergonhado ou extrovertido?  
Envergonhado.
21. Dirias que sou cómico/engraçado?  
Um autêntico palhaço.
22. Tenho espírito rebelde ou vivo segundo as regras?  
Esforças-te por teres espírito rebelde.
23. Tenho algum talento especial?  
Acho que não.
24. Consideras-me um verdadeiro amigo?  
Não! (é óbvio).
25. Chamar-me-ias: betinho, oferecido, caseiro, normal, *sporty*, *hippie*, snobe ou alguma outra coisa?  
Despreocupado.
26. Alguma vez me viste chorar?  
Não.
27. Se houver alguma alcunha apropriada para mim, qual seria? (Não vale usar alcunhas já conhecidas...)  
Ricardo (acho que isto diz tudo).
28. Qual é o meu maior defeito?  
Não ter o mínimo sentido de oportunidade.
29. Existe alguma coisa que eu faça/diga/pense que te faça pensar que eu não posso ser normal?

Lamento, mas... Quase tudo.

30. Como me vês daqui a dez anos?

Hummmm. Como pica na Carris.

Rita.

\* \* \*

Fui almoçar sozinho. Ainda não tinha começado a produzir e a manhã já tinha sido suficientemente impetuosa. Não quis comer sandes *gourmet* e sopas de pé. Resolvi ir a um restaurante de comida a peso, o Foods. Queria empanturrar-me. Bem o merecia. Era o meu primeiro dia de trabalho. Mesmo assim não abusei da comida. Uns pedaços de picanha, arroz, feijão, umas rodela de tomate, quatro fatias finíssimas de queijo fresco, uma *Diet Cola*. Paguei um autêntico balúrdio. Parecia que tinha ido jantar ao Gambrinus.

Fiquei a pensar: «Podia ter deitado tudo a perder por umas patéticas sobre futebol.» Que idiota! As palavras do meu pai ainda me vinham à cabeça: «Será que não consegues fazer nada de jeito, rapaz?» Esfalfei-me para conseguir entrar na InforServ S.A. Foi o Carlos que colocou o meu *curriculum* no departamento de recursos humanos, juntamente com uma nota de recomendação para um dos directores. Fui chamado para a entrevista. **É verdade! Estamos em 2009 d. C.** Foi uma entrevista típica. Uma entrevista à época. Uma entrevista em três fases:

Primeira fase: foi com uma gaja do departamento de recursos humanos. São quase sempre gajas lookíssimas, boas e simpáticas. Fazem-nos perguntas através de um guião que já sabem de cor. Vão apontando as respostas, mas não entendem nada do que estão a ouvir.

Segunda fase: fui seleccionado. Fiquei contente. Para dizer a verdade, quase em delírio absoluto. Psicotécnicos. Uma sala com mais alguns gajos iguais a mim. Todos cheios de nervosismo e ansiedade. Uns conseguiam disfarçar essas emoções melhor do que outros. Os psicotécnicos são sessões orientadas por psicólogas, rapariguinhas novas e de modo geral hiperboas. Ficamos em silêncio a responder às

perguntas como se tivéssemos regressado à escola. Depois, o tempo acaba e uma delas vem recolher as folhas. «Os que forem seleccionados serão contactados. Boa sorte.»

Terceira fase: entrevista técnica. Convém saber o maior número possível de informações acerca da empresa. Convém transmitir a imagem de que estamos bem informados acerca dela, que sabemos ao que estamos a ir. Consultei o *site*. Os *sites* das empresas transformaram-se numa massa uniforme. São todos iguais. O *design* é sempre o mesmo e os conteúdos são a trampa do costume. Quem somos? A nossa missão. Os nossos valores. A nossa estratégia. Venha trabalhar connosco, faça parte de uma equipa de sucesso. Contactos. Localização (Google maps). A nossa equipa: (aqui não se fala de pessoas, apenas de números e gabarolice geral). Possuímos  $x$  profissionais; todos de primeira linha; recursos certificados nas tecnologias  $a, b, c, d$ . A empresa: empresa segundo as normas ISO 9000 e 14000; resultados líquidos; crescimento aumentado em  $x$  por cento no último ano; clientes de referência; clientes em Portugal, Espanha, França, Hungria, Angola, Brasil, Estados Unidos, Japão, Canadá.

Regra de ouro para uma entrevista de trabalho: não convém mostrar que sabemos mais do que a pessoa que nos entrevista. Já em tempos vi um tipo tramar-se por causa disso. E, por acaso, até seria ele o escolhido. O entrevistador disse que a empresa foi fundada em 1984. Ele corrigiu: «Desculpe. Foi em 1986.» E era esse o ano correcto. Ele tinha razão e o entrevistador estava errado. Mas, apesar disso, dois anos de uma data valeram-lhe perder aquele emprego. Uma das coisas que diria a um filho seria algo do género: «**Cuidado com os egos. Muito cuidado com os egos. Não há ninguém que goste de ser posto em causa.**»

Para a entrevista na InforServ, esperei numa sala durante uns bons vinte minutos. Ofereceram-me água e perguntaram-me se bebia um café. Depois, entrou um gajo porta dentro (uma entrada à *saloon* de *cowboys*) sem me cumprimentar. O homem tinha um braço ao peito e falava ao telemóvel. Entrou na sala já agarrado ao telefone. Falava com pronúncia do Norte. Depois dele, entrou um outro tipo

que se sentou à minha frente. Não me cumprimentou. Se me cumprimentou, foi com um «bom dia» muito sumido, quase imperceptível. Instalou-se com um portátil e nem sequer olhou para mim. Tudo normal. **Estamos em 2009 d. C.** O tipo do Norte acabou o telefonema e apresentou-se. Não pediu desculpa. Tocou novamente o telefone. O tipo atendeu. Queixava-se da «merda» de Lisboa. Queixava-se que havia «um trânsito do caralho» para entrar na cidade. Eu, com vontade de interromper a conversa e dizer: «Meu amigo, as grandes cidades são mesmo assim», fiquei calado. Começou a combinar o almoço. Quem falava com ele ao telefone sugeriu-lhe o Parque das Nações. O do Norte perguntou:

— Parque das Nações? Mas a exposição não acabou já?! Essa merda ainda tem restaurantes?

Resolvido o assunto do almoço, virou-se para mim e, nesse instante, o telefone voltou a tocar. O gajo disse:

— Tenho mesmo de atender.

E eu, danado para dizer: «Isto com gente educada é outra coisa. Faça favor», fiquei calado. Antes de aceitar a chamada, o gajo do Norte disse para o tipo que estava à minha frente a teclar no computador:

— Vai começando que eu já volto.

Saiu disparado da sala.

O tipo do computador começou a falar comigo sem me olhar nos olhos. A primeira pergunta:

— Muito bem. Portanto... vejamos... Ricardo... não é? Ora bem, Ricardo... Conte-me coisas.

E eu, aparvalhado:

— Posso começar por resumir o meu *curriculum*.

— Sim, força. Entretanto, eu vou inserindo o seu processo no nosso *software*, mas pode falar que eu estou a ouvir.

Comecei a debitar a história chata do meu percurso profissional. Depois de eu falar, o tipo disse:

— Muito bem, Ricardo. Vamos esperar pelo Dr. Godinho Lopes.

Passados uns quinze minutos, apareceu novamente o tipo do Norte, o Dr. Godinho Lopes, administrador, um dos novos sócios,

segundo tinha ouvido dizer. Veio de uma empresa parceira do Porto para integrar o conselho administrativo da InforServ. Ainda estava a instalar-se em Lisboa e pelos vistos sentia-se bastante contrariado com a cidade.

Começou a debitar-me um texto que ele já sabia de cor, relativo à empresa, aos colaboradores que têm de ser obrigatoriamente certificados em todas as tecnologias que utilizam. Depois de eu dar a entender que tinha feito o trabalho de casa, que já me tinha informado acerca da empresa, ele disparou uma pergunta:

— Diga-me. Antes de entrar nesta sala, o que viu?

— Como assim, Doutor?

— Descreva-me o que viu, caramba! Não consegue perceber a pergunta?

— Bem... cheguei cedo... um pouco antes da hora da entrevista. Ainda não eram nove horas da manhã. Vi uma rapariga a entrar para a recepção. Era bem gira. Numa das paredes está um quadro abstracto com assinatura. Uma mesa de matraquilhos...

— Exactamente. É isso mesmo! Uma mesa de matraquilhos. Promovemos o contacto entre os nossos colaboradores. Agora não está aqui muita gente porque estão todos nos clientes. Queremos ter o escritório sempre vazio. É no cliente que o consultor está a facturar. O cliente deve ser o seu *habitat* natural. Se eu entro nas salas e vejo muita gente, fico logo em sobressalto. Alguma coisa está mal. Mas, mais lá para o fim do dia, vai ver muita gente a jogar matraquilhos. E sabe que mais? Temos outra sala com mesa de pingue-pongue e com uma *playstation* ligada a um ecrã gigante. — Mostrei-me impressionado.

(Resposta em pensamento: «Vejam: os consultores estão o dia todo a trabalhar que nem cães e depois saem dos clientes para virem para aqui jogar matraquilhos? Eu, por mais que gostasse de vocês, vinha mesmo meter-me aqui! Tinha coisas mais interessantes para fazer. E mesmo que não tivesse, ia jogar matraquilhos para outro lado.»)

Resposta verbal: